



APRESENTAÇÃO / PRESENTATION / PRESENTACIÓN

Como reconhecimento agradecido pela valiosa contribuição que deu à Igreja dos pobres e à Teologia latino-americana da Libertação, abrimos este número com uma singela homenagem ao “grande irmão” Gustavo Gutiérrez-Merino Díaz. O texto elaborado pelo Prof. Francys Silvestrini Adão sintetiza o luminoso legado do “Querido e tão livre Gustavo”. Quanto à temática “Epistemologia da teologia”, à qual dedica-se este número da Perspectiva Teológica, ela é uma questão decisiva para o fazer teológico. Dada a imprescindível relação da teologia com saberes de outras áreas, para além das ciências humanas, atualmente, o conhecimento dos métodos e fundamentos, das delimitações e da validade dos diferentes vertentes da teologia, a abordagem desse tema torna-se uma necessidade imperiosa. Antes de apresentar os artigos, manifestamos, como Equipe Editorial, e os responsáveis *ad hoc* desta publicação, Prof. Geraldo De Mori e Profa. Olga C. Vélez Caro, profunda gratidão aos autores e às autoras que colaboraram no presente dossiê, oferecendo suas relevantes contribuições.

O **dossiê** se compõe de sete escritos. No artigo **ÉPISTEMOLOGIE DE LA THEOLOGIE: STATUT, TACHE, FONCTION ET MODALITES**, Pierre Gisel nos diz que a teologia está historicamente condicionada por dispositivos socioculturais e, nos últimos dois séculos, tem sido entendida em função de sua relação com a história. O autor propõe uma análise das tradições como respostas a problemas humanos e sociais, construindo uma genealogia das forças em ação e avaliando seus efeitos. Dessa forma, busca-se uma compreensão das tradições sem apoio em fundamentos fixos, o que redefine a epistemologia teológica.

João Manuel Duque, no artigo **META-REFLEXÕES SOBRE O(S) MÉTODO(S) TEOLÓGICO(S)**, examina pressupostos filosóficos e epistemológicos dos métodos teológicos, criticando suas configurações tradicionais e destacando a relação circular entre Teologia e Antropologia. Ele propõe uma análise do antropocentrismo nesses métodos e sugere novos horizontes epistemológicos plurais. A crítica visa ampliar a compreensão das dinâmicas do “crer” e abordar a crescente complexidade entre o humano e o não-humano.

O artigo **LOCI THEOLOGICI EN TIEMPOS SINODALES: NOTAS SOBRE EPISTEMOLOGÍA TEOLÓGICA EN PERSPECTIVAS INTERCULTURALES** de Margit Eckholt revisita a doutrina dos loci theologici de Melchor Cano, adaptando-a para uma epistemologia teológica voltada à eclesio-gênese em tempos de sinodalidade. A doutrina abre espaço para o diálogo entre contextos culturais e a igreja local pós-conciliar, contribuindo para uma teologia contextual. Também sugere uma epistemologia que considere as críticas ao eurocentrismo teológico e enfrente os desafios decoloniais.

Olga C. Vélez Caro, no artigo **VOCACIÓN INTERDISCIPLINARIA DEL MÉTODO TEOLÓGICO**, explora o método teológico de Bernard Lonergan, destacando seu caráter interdisciplinar e sua contribuição para o surgimento das teologias contextuais. A autora propõe o uso do método de Investigação-Ação Participativa (IAP) como mediação entre ciências sociais e teologia. Por fim, ela aborda as transformações investigativas que essa abordagem implica, visando uma teologia relevante para os desafios contemporâneos.

No artigo de Étienne Grieu, **THÉOLOGIENS PAR EFFRACTION: LES PLUS PAUVRES RENOUVELLENT L'INTELLIGENCE DE LA FOI**, encontramos que a concepção teológica apresentada recusa se- parar o desenvolvimento do conhecimento teológico da busca pelo mais pobre e abandonado. Inspirada pelo P. Joseph Wresinski e o movimento ATD Quart Monde, essa abordagem exige um deslocamento radical até que os mais pobres sejam ouvidos. Tal teologia renova sua compreensão da revelação e da relação com Cristo, especialmente em sua dimensão corporal.

O artigo de Catherine Cornille, **EPISTEMOLOGY IN COMPARATIVE THEOLOGY**, afirma que teologia comparativa envolve o engajamento teológico sistemático com os ensinamentos e práticas de outras tradições religiosas, levantando questões epistemológicas sobre a compreensão, verdade e discernimento dessas tradições. A autora explora esses temas no contexto da teologia comparativa cristã, abordando métodos das ciências religiosas e teologia das religiões.

Felix Wilfred, no artigo **CONVERGING HERMENEUTICAL CURRENTS: EXPLORING A SUBALTERN THEOLOGICAL METHODOLOGY IN INDIA**, explora como a convergência das tradições hermenêuticas orientais e ocidentais pode desenvolver uma metodologia teológica centrada nos subalternos na Índia. Ele destaca a interseção entre o método indiano “dhvani” e correntes hermenêuticas ocidentais contemporâneas, promovendo uma hermenêutica libertadora que permite aos subalternos não apenas interpretar textos, mas também criar novos textos.

Na seção **artigos gerais**, encontram-se quinze artigos. Yefren Díaz López, no artigo **EL RELATO AUTOBIOGRÁFICO COMO ESTRATEGIA DIDÁCTICA PARA EL APRENDIZAJE Y ENSEÑANZA DE LA TEOLOGÍA A NO TEÓLOGOS: UNA PROPUESTA INTERDISCIPLINAR**, explora

o uso do relato autobiográfico como estratégia didática para ensinar teologia a não teólogos, partindo da experiência humana como base para uma autêntica experiência de Deus. O enfoque inclui diálogo com outras ciências e visa integrar os conhecimentos de diversas disciplinas em um horizonte de compreensão complexa.

O artigo de André Luiz Boccato de Almeida e Donizete José Xavier, **CLAUDE GEFFRÉ E A EPISTEMOLOGIA. UMA CONTRIBUIÇÃO À TEOLOGIA LATINO-AMERICANA**, analisa o pensamento teológico e epistemológico de Claude Geffré, destacando sua contribuição para a Teologia Latino-americana. Eles enfatizam a hermenêutica como central no fazer teológico, interpretando elementos da fé conforme o contexto. A Teologia Latino-americana é apresentada como uma interpelação que articula o evangelho e a realidade social, em diálogo com a metodologia de Geffré.

Pablo Fernando Dumer, no artigo **A BUSCA POR UMA RACIONALIDADE DA GRAÇA: A ABORDAGEM DE PAUL TILlich À MODERNIDADE E AO CAPITALISMO**, examina o pensamento de Paul Tillich sobre modernidade e capitalismo, criticando a objetificação da natureza e sua dominação pelo racionalismo moderno. Tillich propõe uma nova racionalidade teológica, chamada “racionalidade da graça,” que busca superar a exploração e reconectar o ser humano à natureza. O autor discute essas ideias em diálogo com os desafios contemporâneos e suas implicações para a teologia e ciências da religião.

No artigo **ANÁLISIS TEOLÓGICO SOBRE LA CATEGORÍA SIGNOS DE LOS TIEMPOS**, Jairo Alberto Merlo Pinzón, Israel Arturo Orrego Echeverría, Juan Cepeda H, Julián Cardenas Arias afirmam que a expressão “sinais dos tempos” é recente no magistério da Igreja Católica, embora tenha raízes no Antigo Testamento e nos ensinamentos de Jesus. Contudo, seu uso carece de reflexão teológica aprofundada, o que pode gerar dificuldades interpretativas e pastorais. Os autores buscam oferecer elementos bíblicos e magisteriais para avançar a problematização teológica e eclesial da categoria sinais dos tempos.

Dayse Marianela Agretti, no artigo **EL SILENCIO COMO DISTANCIA INAUGURADORA ANTE LA POSIBILIDAD DE LA IDOLATRIA APORTES DESDE LA TEOLOGÍA**, afirma que o Deus cristão se revela através de Jesus Cristo, a Palavra encarnada, e o silêncio é essencial para a reflexão teológica em um mundo cheio de distrações. Esse silêncio permite a compreensão do verdadeiro Deus cristão frente a outros ídolos, que ocupam todo o espaço e distorcem a divindade. A idolatria, sempre presente, rejeita essa dinâmica de silêncio e reflexão.

O artigo de Carlos Caldas, **ERA C. S. LEWIS UM INCLUSIVISTA?**, explora como C. S. Lewis entendia o papel das religiões na experiência da salvação, sugerindo que ele defendia uma visão inclusivista. Diferente

da soteriologia exclusivista tradicional, Lewis acreditava que, em Cristo, não cristãos também poderiam experimentar a salvação. Essa perspectiva se alinha às compreensões emergentes na segunda metade do século XX.

Remigijus Oželis e Vaineta Juškienė, no artigo **THE DIFFERENTIATION OF SPIRITUAL AND PSYCHOLOGICAL COUNSELING AS AN EPISTEMOLOGICAL PROBLEM**, exploram as diferenças e semelhanças entre o aconselhamento espiritual e o psicológico, destacando que ambos lidam com questões existenciais, mas têm fundamentos distintos. Embora usem habilidades profissionais semelhantes, o aconselhamento espiritual se baseia em crenças religiosas, enquanto o psicológico segue uma abordagem secular.

O artigo de Enrique Vega-Dávila, **DESNUDANDO CRISTIANISMOS. DESMINTIENDO LOS DISCURSOS DE ODIO EN EL CRISTIANISMO HEGEMÓNICO DESDE POSICIONAMIENTOS CUIR/QUEER**, analisa a visão dominante no cristianismo sobre diversidades sexogenéricas, frequentemente tratada como incompatível com a fé. No entanto, há narrativas dissonantes que defendem a agência espiritual de pessoas LGBTQIA+. A partir de uma abordagem etnográfica e teológica, o artigo examina tanto a perspectiva hegemônica quanto as dissidências, propondo novas formas de compreender o cristianismo e oferecendo alternativas de agência espiritual fora das instituições tradicionais.

Mesfer Alhayyani e Ali Sharaf, no artigo **FAITH AS VIRTUE: THE NECESSITY OF DOUBT**, exploram o papel da dúvida na formação da fé, argumentando que ela é um componente fundamental e necessário para que a fé seja considerada uma virtude. A primeira parte examina os aspectos essenciais da fé, enquanto a segunda defende que a dúvida é essencial para moldar a fé como virtude. O estudo baseia-se na análise crítica de fontes primárias e secundárias, além de investigações conceituais.

O artigo de Felipe Bagli Siqueira, **“EU SOU O PÃO QUE DESCEU DO CÉU” (JO 6,41): UMA PROPOSTA DE ENREDO PARA A NARRATIVA DE JOÃO 6**, propõe uma análise narrativa de João 6,1-71, dividindo o texto em três cenas: 6,1-15; 16-21; 22-71. Na primeira parte, cada cena é analisada em seus enredos individuais. A segunda parte destaca os elementos que unificam as cenas, criando um enredo coeso. Finalmente, o artigo revela a lógica narrativa, mostrando como cada cena contribui para responder à pergunta central da narrativa: que tipo de Messias Jesus é?

Werlen Lopes da Silva, no artigo **ESTRUTURA LITERÁRIA DO LIVRO DE JÓ: UMA NOVA ABORDAGEM**, realiza uma análise sincrônica do livro de Jó, defendendo a tese de estruturas quadripartidas na narrativa. Utilizando uma abordagem canônica e narrativa, a pesquisa identifica essas estruturas em blocos literários, capítulos, perícopes e versículos, com base no Texto Massorético. O estudo examina o “quadrilátero ético” de Jó (1,1b) e sua busca por Eloah nos quatro cantos do cosmos (23,8-9).

Os resultados promovem uma hermenêutica cosmológica que esclarece o enredo do livro de Jó.

Angel Barahona Plaza e Fernando Viñado Oteo, no artigo **DISCERNIR EN COMUNIDAD EL DESEO DE DIOS: ANÁLISIS DESDE LA ANTROPOLOGÍA, LA BIBLIA, SAN IGNACIO Y EL MAGISTERIO DEL P. FRANCISCO**, afirmam que a epistemologia teológica estuda como conhecemos a Deus, com o discernimento sendo crucial para entender a vontade divina. O artigo propõe um discernimento que se aprofunda nos anseios humanos por felicidade e plenitude, indo além dos modelos mundanos.

Aurino José Góis, no artigo **A RACIONALIZAÇÃO DA FÉ E O ESVAZIAMENTO DA CATEGORIA DEUS: O CAMPO EPISTEMOLÓGICO DA RELAÇÃO RELIGIÃO E CIÊNCIA E A EXISTÊNCIA DE DEUS SUBJACENTE NESSE DIÁLOGO**, reflete sobre o retorno de antigas ideias científicas que inquietam religiosos, principalmente cristãos, e propõe que o embate seja entre racionalidades teológica e científica, não entre fé subjetiva e ciência objetiva. Ele analisa criticamente as categorias de Deus, religião, fé e ciência, sugerindo a necessidade de repensar a teologia contemporânea à luz dessa polarização.

O artigo de Juan Francisco Pinilla Aguilera, **LA CONSTITUCIÓN DRAMÁTICA DEL ESPÍRITU FINITO EN EL ESPÍRITU INFINITO EN SAN JUAN DE LA CRUZ**, investiga como o espírito finito se constitui no mundo através do encontro com o Espírito Infinito, baseado na obra *Llama de amor viva* de Juan de la Cruz. A análise revela a capacidade paradoxal do espírito finito de ser transformado pelo Infinito. Essa transformação, operada pelo amor divino, liberta o ser finito para a comunhão trinitária.

Antonio Ñahuincopa Arango, no artigo **HACIA UNA HERMENÉUTICA TEOLÓGICA DE LA INMORTALIDAD**, aborda a questão da imortalidade da alma, integrando fé e razão com base na filosofia, Sagrada Escritura, Santos Padres, Magistério e teólogos contemporâneos. Defende-se que a imortalidade da alma tem fundamento bíblico e na tradição cristã, não sendo uma ideia puramente helênica. A ressurreição da carne complementa a imortalidade, pois ambos juntos refletem a perfeição divina e a imagem de Deus.

Com satisfação, entregamos aos nossos(as) leitores(as), pesquisadores(as) de Teologia e Ciências da Religião esse conjunto de artigos que se complementam e enriquecem entre si, constituindo um valioso material para impulsionar nessa área. Que todos os que acessarem esses textos sejam beneficiados com fecundas descobertas e avanços em suas pesquisas.

(Foto: divulgação/Instituto Bartolomé de las Casas)



Gustavo Gutiérrez-Merino Díaz, OP.

* 08.06.1928 + U 22.10.2024

QUERIDO E TÃO LIVRE GUSTAVO

Gustavo, querido irmão!

Enfim, chegou a hora de seu encontro definitivo com o Senhor da Vida e do Reino. Este é mais um passo de seu caminho de libertação, que, para um discípulo de Jesus, não pode ser visto como um abandono do mundo, mas de sua plenificação pela entrega total, pelo amor até o fim. E a páscoa de um grande irmão sempre é para nós, que ficamos para continuar o bom combate, um tempo favorável para louvar a Deus, que permanece gerando neste mundo filhos e filhas do Amor, e também para colher, como herança, algumas flores plantadas por uma vida que, ao ser macerada, oferece como dom o seu perfume. Por isso, ofereço-lhe, em gratidão, esta breve partilha, fruto da pequena colheita de um discípulo de Jesus amigo dos pobres, consagrado ao Deus da Vida em plenitude para todos, aprendiz de teólogo do Senhor do Banquete fraterno e eterno de todos os povos.

Você e eu sabemos que, ao longo da história do cristianismo, os cristãos e cristãs sempre foram convidados a voltar sua atenção para os pobres com um cuidado especial. Ao fazer isso, eles não estavam criando uma nova tradição, pois essa atitude já tinha um lugar de honra na primeira Aliança. As Escrituras Santas testemunham fielmente essa tradição, atestando que o apelo para cuidar dos pobres tece e costura o que chamamos de história da salvação. Os relatos dos Evangelhos insistem na atenção especial que Jesus dedicou aos “pequeninos” em seu ministério público, apresentando a proclamação da Boa Notícia aos pobres como um sinal dos tempos messiânicos. Esses mesmos relatos vão ainda mais longe quando ousam afirmar uma misteriosa identificação entre o Messias e os pobres. A alteridade – muitas vezes perturbadora – dos pobres torna-se um “sacramento” de Deus e de seu Cristo. Portanto, com os olhos abertos para a realidade, confrontados com a leitura das Escrituras, e especialmente dos Evangelhos, cada geração de discípulos e discípulas de Jesus é levada a fazer a pergunta: qual é a ligação entre a vida concreta dos pobres e a revelação do próprio Mistério infinito e insondável de Deus?

Como escutamos tantas vezes, grande mestre, a parábola do Juízo Final, no Evangelho segundo Mateus, traça uma linha que divide toda a humanidade em dois grupos: aqueles que agiram com caridade para com os necessitados e aqueles que, por alguma razão, preferiram não agir. A narrativa também registra o espanto de ambos os grupos com a identificação do Juiz universal com os necessitados encontrados no caminho. Esse espanto deixa claro que o reconhecimento de Deus nas pessoas necessitadas não é, de modo algum, evidente. É por isso que tanto precisamos de pessoas como você, querido e livre Gustavo, que entendem essa não obviedade inicial e o caráter dinâmico da Revelação, e nos provocam a entrar num verdadeiro encontro, uma verdadeira relação. Para além de tratados teológicos – por mais importantes

que sejam! –, você nos deixa como legado a incontornável missão de nos interrogar sobre o lugar ocupado pelo encontro com os pobres em nossa vida e em nossa teologia, para buscarmos agir, cada vez mais, em coerência com este encontro, sinal do Reino anunciado e inaugurado por Jesus.

Sua espiritualidade encarnada, querido irmão, atesta que a experiência de um verdadeiro encontro com Deus só pode ocorrer por meio de uma atitude de busca e abertura aos outros. Sua experiência de fé, em comunhão com tantas outras pessoas, testemunha também que o verdadeiro encontro com os pobres é uma espécie de “teofania”, uma manifestação surpreendente e desconcertante do Senhor, que escolheu uma multiplicidade de formas para nos dar acesso ao seu amor pela humanidade. E quando Deus fala, a resposta daqueles que ouvem não pode ser apenas uma crença, mas também a conversão, a fé-em-ação. A Palavra de Deus tem o poder de renovar nossos planos, de endireitar nossos caminhos. Hoje eu entendo que a nobre e legítima preocupação com os pobres pode ser fruto da justa sensibilidade humana, mas reconhecer Deus no rosto desfigurado dos pobres e em seu intenso desejo de vida é da ordem da Revelação e da Mística.

Por isso, querido irmão Gustavo, eu colho e destaco na obra de sua vida doada três “olhares” que quero guardar em meu caminho espiritual e intelectual. São como três portais que preciso cruzar para não esquecer o Mistério da eleição dos pobres no plano salvífico de Deus: um olhar existencial; um olhar espiritual; e um olhar soteriológico.

Meu irmão, como você, eu não quero e não posso fechar meus olhos para a crua realidade existencial em que vivem tantas irmãs e irmãos meus na humanidade. Meus olhos veem o sofrimento dos pobres, a carência que sentem, as desigualdades sociais tão explícitas em nosso meio. O grito que se origina no escândalo da pobreza deve encontrar em mim um ouvido atento e diligente. Como homem de fé, também quero ser capaz de enxergar aí a persistência de uma experiência da cruz e do sofrimento de Cristo em nossa história. São as Escrituras que destacam a condição frágil e fraca dos pobres – levando-me a reconhecer a fragilidade e a fraqueza de minha própria condição humana – e o compromisso de Deus com os destituídos. Com a teologia e a Igreja latino-americana, espero responder a esse apelo gritante, por um lado, por meio de uma verdadeira caridade pessoal e coletiva e, por outro, pelo compromisso pessoal e comunitário com a construção de sociedades mais justas, onde todas as pessoas se sintam amadas e capazes de amar. Ao entrar com você, querido Gustavo, no movimento do *Deus que quer dar tudo*, porque Ele é *Aquele que Se dá*, poderei ser associado à potência-toda-entregue do Amor do Pai.

Quero, também, que esta proximidade com a realidade dos empobrecidos, sem dissimulações e negações, geste em mim um olhar espiritual como o seu, capaz de admirar o modo como tantos empobrecidos acolhem um

dom, a fé de tantos deles, mesmo em meio ao sofrimento. Pouco a pouco, desejo ser alcançado pela força da humildade, enraizada numa teimosa confiança filial. Que esse olhar me conduza a uma compreensão mais profunda e viva da experiência da confiança e da obediência de Cristo em meio ao drama da cruz. Não posso esquecer que as Escrituras destacam a condição humilde dos pobres – o que exige que eu reconheça meu justo lugar diante de Deus e dos outros – e insistem em proclamar que Deus quer dar sua graça aos humildes. Com a teologia e a Igreja latino-americana, espero responder a esse apelo silencioso, por um lado, pelo cultivo de uma mística da *kenosis* – o abaixamento e esvaziamento do Deus-conosco – e, por outro, pela solidariedade com as proféticas comunidades de inserção entre os pobres, que encarnam o desejo de Deus de compartilhar a vida com eles. Ao entrar com você, querido Gustavo, no movimento do *Deus que aceita receber tudo* para, por sua vez, *dar tudo de graça*, poderei ser associado à potência-toda-hospitaleira do Amor do Filho.

Desejo que esses dois olhares me levem a um terceiro, o olhar soteriológico, como o seu, capaz de se alegrar, mesmo em meio às incompreensões e perseguições, com a alegria interior e o senso de solidariedade de tantos pobres. A alegria que se origina no senso de comunhão é um discreto sinal da presença viva e atuante do Crucificado-Ressuscitado entre nós, em nossas Galileias, nas periferias de nossa história. As Escrituras destacam a condição de espera pela salvação, uma característica dos *anawin*, os pobres de Deus – o que me leva a reconhecer que eu não posso dar a mim mesmo a plenitude que tanto almejo – e o compromisso de Deus com a salvação de todos, de toda a criação. Com a teologia e a Igreja latino-americana, espero responder a esse apelo íntimo, por um lado, por meio de uma contínua conversão do olhar para acolher a surpreendente novidade de Deus e, por outro, colaborando com a formação de comunidades que reúnam as pessoas em sua dignidade e diversidade relacional, tornando-se assim sinais visíveis de salvação. Ao entrar com você, querido Gustavo, no movimento do *Deus que mantém o vínculo entre tudo e todos*, poderei ser associado à potência-toda-livre-e-libertadora do Espírito de Santidade.

Esta breve partilha é tão pouco diante da mensagem de sua vida, querido e livre Gustavo! Mas aceite estas simples palavras como a homenagem de um irmão mais novo, que olha com orgulho, admiração e reverência para a vida de um discípulo-precursor, que aprendeu a alegria de ser “amigo do Noivo” e “conviva do Banquete”, escolhendo o belo lugar do servidor que diminui para que o Outro cresça.

Francys Silvestrini Adão SJ